

Teresa Lousa¹

Ao convite para redigir o presente editorial respondi com fulgurante motivação por se tratar de uma revista que já nos habituou a uma qualidade científica ímpar. O presente número da *Bauman* propõe uma edição com temas extremamente diversos, mas que apresentam um denominador comum de grande actualidade: uma reflexão crítica sobre a sociedade de consumo e a posição do indivíduo. Deste modo, a revista disponibiliza uma multiplicidade de artigos onde temas agudamente palpitantes como o *amor líquido* ou *consumo e o descarte* se articulam com outros assuntos imperativos de pensar cada vez mais, como a *sociedade inclusiva* e o *multiculturalismo* vistos de uma perspectiva solidária e verdadeiramente tolerante. Assim, dei por mim a pensar num tema que muito particularmente me toca: a importância estruturante de assegurar as liberdades fundamentais do humano numa sociedade democrática. Essa entre outras é uma das óbvias vantagens de um regime democrático, pese embora as ameaças constantes dos nossos dias. Manter viva a memória da realidade política portuguesa antes de 1974², pode contribuir para um diálogo vivo e uma reflexão crítica sobre a liberdade artística e a possibilidade de um posicionamento autêntico do indivíduo.

António Ferro foi um intelectual decisivo no período do Estado Novo, regime liderado por Salazar. Ao serviço deste apresentou uma visão estética ímpar acerca da identidade nacional portuguesa e sua manifestação artística e cultural ficou plasmada naquilo a que denominou a “*política do espírito*” levada a cabo sobretudo entre 1932 e 1949. A sua visão controladora e paternalista, associada ao seu fascínio pelos facismos que se impunham pela Europa, fizeram com que este homem, outrora amigo de Fernando Pessoa e dos rapazes do *Orpheu*, viesse a impor uma visão castradora e provinciana das artes em Portugal, imagem que dominou durante décadas este país e à qual se parece querer palidamente regressar, movido talvez pelo interesse de passar uma imagem de um país dócil e típico, aspecto aparentemente apelativo à vaga turística que encontra no “*Portugal dos pequenitos*”³ uma pitoresca estância balnear. António Ferro fará uma crítica à arte internacional do seu tempo que considerava ser de uma irreverência gratuita. O seu papel seria então o de salvar os modernistas de si próprios, conduzindo-os à moderação que advém dos valores eternos do Espírito, da Tradição e da Pátria, próprios de um regime de inspiração facista que ele próprio tinha ajudado a desenhar (tal era a sua cumplicidade com o seu antigo companheiro Salazar). É assim fundamental manter um espírito crítico para que não renasça uma *Política do Espírito* à qual o inebriamento do consumo é tão permeável e facilitador.

¹ Professora Auxiliar na Faculdade de Belas Artes- Universidade de Lisboa. Investigadora Integrada do CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa. Doutorada em Ciências da Arte e do Património.

² Revolução ocorrida a 25 de Abril de 1974 que depôs o regime ditatorial do Estado Novo vigente desde 1933 e que iniciou um processo de implantação de um regime democrático a partir de 1976 em Portugal.

³ Parque temático situado em Coimbra e concebido durante o Estado Novo, construído como um espaço lúdico, pedagógico e turístico, para mostrar aspectos da cultura e do património português, em Portugal e no mundo como instrumento de propaganda e doutrinação.